

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – NEAD
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS PORTUGUÊS**

KARINA MARTINS DE ARAÚJO

**A VISÃO SOCIAL SOBRE A IDENTIDADE DA MULHER NEGRA NA OBRA
CLARA DOS ANJOS, DE LIMA BARRETO**

**GILBUÉS – PI
2024**

KARINA MARTINS DE ARAÚJO

**A VISÃO SOCIAL SOBRE A IDENTIDADE DA MULHER NEGRA NA OBRA
CLARA DOS ANJOS, DE LIMA BARRETO**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras Português, modalidade EaD, da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras Português.

Orientadora: Profa. Ma. Célia Lopes da Silva

GILBUÉS – PI

2024

**A VISÃO SOCIAL SOBRE A IDENTIDADE DA MULHER NEGRA NA OBRA
CLARA DOS ANJOS, DE LIMA BARRETO**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras Português, modalidade EaD, da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras Português.

Orientadora: Profa. Ma. Célia Lopes da Silva

BANCA EXAMINADORA

Aprovada em 25/01/2025.

Profa. Ma. Célia Lopes da Silva – SEMED-DL
(Presidente)

Profa. Ma. Lucilene de França Matos Cruz – SEDUC/PI
(Primeira Examinadora)

Profa. Ma. Margareth Valdivino da Luz Carvalho – UESPI/NEAD
(Segunda Examinadora)

Dedico este trabalho ao meu amado filho, **Heitor Martins Rodrigues**, cuja luz e alegria são minha maior inspiração, e ao meu querido esposo, **Leonardo Rodrigues Santos**, por sua paciência, apoio incondicional e amor que me sustentaram em todos os momentos desta jornada. À minha família e aos colegas que estiveram ao meu lado, com palavras de encorajamento e gestos de generosidade, sempre acreditando no meu potencial. Cada pequeno gesto e palavra de incentivo foram fundamentais para que esta conquista se tornasse realidade.

AGRADECIMENTOS

Expresso minha gratidão a todas as pessoas que cruzaram meu caminho durante este importante processo de formação acadêmica. De modo especial, agradeço a todos que fazem parte da **Universidade Estadual do Piauí – UESPI**, polo de **Chapada das Mangabeiras, na cidade de Gilbués-PI**, cuja dedicação e empenho contribuíram significativamente para a realização desta etapa da minha vida.

Aos meus pais, **Raimundo Nonato de Araújo Silva e Edna Martins da Silva Araújo**, meu mais sincero agradecimento. Vocês foram o alicerce que me sustentou em momentos de dúvida e cansaço, oferecendo amor, apoio e palavras de incentivo que me encorajaram a seguir em frente, mesmo diante dos desafios mais difíceis.

Aos meus irmãos, que estiveram ao meu lado, celebrando cada conquista e compartilhando comigo as dificuldades e superações que marcaram essa jornada.

À minha orientadora, **Célia Lopes da Silva**, cuja orientação, paciência e dedicação foram fundamentais para o desenvolvimento e conclusão deste trabalho. Suas contribuições não apenas enriqueceram esta pesquisa, mas também deixaram um impacto duradouro em minha formação acadêmica e pessoal.

A cada amigo, colega, professor e funcionário que, direta ou indiretamente, fez parte desse percurso, deixo aqui meu reconhecimento e apreço. Cada gesto, conselho ou palavra de apoio teve um impacto imensurável na construção do meu caminho.

Este momento de realização não é apenas meu, é de todos que acreditaram em mim e contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Obrigada!

"Quando um homem negro se levanta, o mundo inteiro se assusta porque ele quebra a imagem de subordinação que criaram dele."

(Ralph Ellison)

RESUMO

A pesquisa apresenta como temática a visão social sobre a identidade negra feminina na obra de Clara dos Anjos (1948), de Lima Barreto. Esse romance marca a transição do século XIX, para o século XX, chamado de Pré-Modernismo, época em que surgiram inovações na literatura brasileira, marcadas pela ruptura com o passado e pela denúncia da realidade do país. O regionalismo e a marginalização ganharam destaque, bem como as conexões entre os acontecimentos políticos, econômicos e sociais. Atualmente, existem inúmeras vertentes que têm como objetivo advertir o indivíduo a respeitar os outros independentemente de cor, raça ou condições financeiras. Assim, partiu-se do pressuposto de que, devido ao avanço e aprofundamento nas discussões acerca do racismo no Brasil e da disseminação da educação antirracista, a presença da obra de Lima Barreto no ambiente escolar pode contribuir no combate ao preconceito racial na sociedade contemporânea. Desse modo, a pesquisa teve como objetivo geral analisar como a identidade negra feminina é retratada no contexto social da obra Clara dos Anjos e de que forma essa representatividade contribui para a discussão e o combate à discriminação racial. Ademais, propôs-se descrever como a pessoa negra é vista no meio social da obra Clara dos Anjos, identificar os principais fatores que causam o preconceito racial e analisar a personagem negra e a condição humana de acordo com a obra. Para tanto, fez-se uma pesquisa bibliográfica e exploratória, constituída principalmente de livros e artigos de periódicos voltados à literatura apresentada por Lima Barreto. Para a fundamentação desta pesquisa, utilizou-se os estudos dos autores Cuti (2010); Barbosa (2017); Barreto (2011); Carine (2019) Silva (2008); Evaristo (2009); Hall (2006) entre outros. A pesquisa revelou que o individualismo da sociedade contribuiu para mudanças comportamentais, em que as pessoas não se importavam com seu papel social. Além disso, constatou-se a necessidade de ações coordenadas em diferentes esferas, com políticas públicas que fomentem o debate sobre o racismo, especialmente nas escolas, através de práticas pedagógicas antirracistas, utilizando a literatura como uma ferramenta essencial nesse processo.

Palavras-Chave: Literatura. Mulher Negra. Visão Social. Preconceito Racial

ABSTRACT

The research presents as its theme the social vision of black female identity in the work of Clara dos Anjos (1948), by Lima Barreto. This novel marks the transition from the 19th century to the 20th century, called Pre-Modernism, a time when innovations emerged in Brazilian literature, marked by a break with the past and the denunciation of the country's reality. Regionalism and marginalization gained prominence, as did the connections between political, economic and social events. Currently, there are numerous trends that aim to warn individuals to respect others regardless of color, race or financial conditions. Thus, it was assumed that, due to the advancement and deepening of discussions about racism in Brazil and the dissemination of anti-racist education, the presence of Lima Barreto's work in the school environment can contribute to the fight against racial prejudice in contemporary society. Thus, the research had as its general objective to analyze how black female identity is portrayed in the social context of the work Clara dos Anjos and how this representation contributes to the discussion and fight against racial discrimination. Furthermore, the aim was to describe how black people are seen in the social environment of the work Clara dos Anjos, to identify the main factors that cause racial prejudice, and to analyze the black character and the human condition according to the work. To this end, a bibliographic and exploratory research was carried out, consisting mainly of books and journal articles focused on the literature presented by Lima Barreto. To support this research, studies by the authors Cuti (2010); Barbosa (2017); Barreto (2011); Carine (2019) Silva (2008); Evaristo (2009); Hall (2006) among others were used. The research revealed that individualism in society contributed to behavioral changes, in which people did not care about their social role. In addition, the need for coordinated actions in different spheres was found, with public policies that encourage debate on racism, especially in schools, through anti-racist pedagogical practices, using literature as an essential tool in this process.

Key words: Literature. Black Woman. Social Vision. Racial Prejudice

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 LITERATURA E SOCIEDADE NA PERSPECTIVA DE LIMA BARRETO.....	12
2.1 O Preconceito Racial no Brasil no Século X.....	13
2.2 Crítica ao Contexto Histórico e Social.....	18
2.3 O Fantasma da Escravidão na Sociedade.....	21
3 IDENTIDADE E APRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA NEGRA NA LITERATURA BRASILEIRA.....	25
3.1 A Identidade Negra na Literatura Brasileira.....	27
3.2 As Condições da Mulher Negra em Clara dos Anjos.....	31
3.3 Representatividade e sua Contribuição no Combate ao Racismo.....	35
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

Na obra *Clara dos Anjos*, publicada postumamente em 1948, Lima Barreto apresenta uma profunda análise social sobre a identidade da mulher negra em um contexto de desigualdades raciais e sociais no Brasil do início do século XX. A protagonista, Clara dos Anjos, é uma jovem negra que vive em um subúrbio carioca e representa a condição marginalizada das mulheres negras da época, tanto no âmbito social quanto no afetivo.

A pesquisa intitulada "A Visão Social sobre a Identidade da Mulher Negra na obra *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto", aborda a perspectiva do autor sobre as ações da personagem diante de situações como o preconceito social e racial e o desrespeito à pessoa humana. O romance analisado marca a transição do século XIX para o século XX, chamado de Pré-Modernismo.

Nessa época, começou a surgir inovações na literatura brasileira como a ruptura com o passado e a denúncia da realidade do país, fazendo-se presente o regionalismo, a marginalização, bem como as ligações entre os fatos políticos, econômicos e sociais. Assim, Lima Barreto retrata esses aspectos no romance *Clara dos Anjos* como uma forma de denunciar as irregularidades políticas e sociais vivenciadas pela sociedade daquela época.

Diante do contexto, percebeu-se que o regionalismo foi de grande relevância e teve como influência o comportamento das pessoas relacionado aos costumes e valores culturais. No entanto, seria também uma forma, mediante o uso da literatura, de fazer com que seus leitores refletissem sobre a realidade do que estava ocorrendo na região.

Nesse sentido, a pesquisa apresenta a seguinte problematização: devido ao avanço e o aprofundamento nas discussões acerca do racismo no Brasil e da disseminação da educação antirracista, como a literatura brasileira pode contribuir no combate ao preconceito racial na sociedade contemporânea? Assim, esse trabalho teve como objetivo geral analisar como a identidade negra (feminina) é retratada no contexto social da obra *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, e de que forma essa representatividade contribui para a discussão e o combate à discriminação racial. E como objetivos específicos: descrever como a pessoa negra é vista no meio social da obra *Clara dos Anjos*; identificar os principais fatores que causam o preconceito racial; e analisar a personagem negra e a condição humana de acordo com a obra

Clara dos Anjos, de Lima Barreto.

O estudo se justifica pela relevância de analisar a visão social sobre a identidade da mulher negra na obra *Clara dos Anjos* (1948), de Lima Barreto, em um contexto histórico e literário marcado pela marginalização de vozes negras, especialmente femininas. A obra oferece uma rica reflexão sobre questões como racismo, desigualdade social e o papel de gênero, temas que continuam relevantes na contemporaneidade. Essa análise é pertinente tanto para evidenciar a crítica social presente na obra de Lima Barreto quanto para incentivar uma visão mais inclusiva e crítica da literatura brasileira e de sua relação com questões sociais ainda persistentes.

Esta pesquisa se configura como uma revisão de literatura, ou seja, uma pesquisa bibliográfica, de caráter exploratório, constituída principalmente de livros e artigos de periódicos voltados para a literatura regionalista e sua relação com temas sociais como o racismo e o combate à discriminação racial. Como referencial teórico, utilizou-se os estudos de Cuti (2010); Barbosa (2017); Barreto (1990); Carine (2019); Silva (2008); Mendes (2011); Hall (2006); Barbosa (2017), entre outros.

A monografia foi estruturada da seguinte forma: na primeira seção, fez-se a introdução, abordando a temática, a problematização, os objetivos, bem como a justificativa para a escolha do tema. Na segunda, tratou-se sobre literatura e sociedade na perspectiva de Lima Barreto, abordando tanto a crítica ao contexto sócio-histórico quanto a escravidão na sociedade e o preconceito racial no Brasil no século XX. Na terceira seção, discutiu-se a identidade, com foco na figura feminina negra na literatura brasileira, abordando sua representação, as condições da personagem na obra *Clara dos Anjos* e as contribuições da representatividade para o combate ao preconceito racial. Na quarta e última seção, apresentou-se as considerações finais sobre o estudo e as referências utilizadas na pesquisa.

Espera-se que esta pesquisa auxilie professores, acadêmicos e pesquisadores na compreensão do racismo como um sistema estrutural que afeta diferentes áreas da sociedade. Além disso, defende-se a necessidade de uma educação antirracista no currículo escolar, a fim de estimular educadores e alunos a adotarem práticas que combatam a discriminação e promovam um ambiente mais inclusivo e respeitoso.

2 LITERATURA E SOCIEDADE NA PERSPECTIVA DE LIMA BARRETO

A obra de Lima Barreto é marcada por uma intensa relação entre literatura e sociedade, refletindo criticamente as condições socioculturais do Brasil do início do século XX. O autor utiliza a literatura como uma ferramenta de denúncia e análise das desigualdades sociais, do racismo, do preconceito de classe e das estruturas opressoras que moldavam a vida cotidiana.

Na perspectiva de Lima Barreto, a literatura não é apenas um campo de expressão artística, mas também um espaço de reflexão política e social. Ele rejeita o elitismo literário predominante em sua época, optando por uma linguagem acessível e direta, que se conecta ao povo e aos problemas reais da sociedade. Essa escolha reflete seu compromisso em dar voz aos marginalizados como negros, mulheres, pobres e moradores de periferias, que muitas vezes são invisibilizados nas narrativas dominantes.

A literatura, enquanto manifestação cultural e artística, tem um papel fundamental na formação humana. No pensamento de Cândido (2000), ela não é apenas uma arte de beleza estética, é um poderoso meio de reflexão crítica e um instrumento de educação. De acordo com o autor, o texto literário envolve mais que o desenvolvimento intelectual, comprehende o moral e o emocional do indivíduo inserido em uma dinâmica social.

Nesse sentido, a literatura é vista como um dos principais meios de formação da consciência crítica, pois ela permite ao indivíduo enxergar a sociedade em sua complexidade, refletindo sobre os problemas sociais, políticos e históricos. Decerto, a literatura é um espaço de troca de ideias, onde se formam valores e se questionam dogmas estabelecidos.

Por meio da leitura literária, o sujeito é levado a se colocar em situações imaginárias que podem ser espelhos da realidade, possibilitando a análise das relações humanas e da estrutura social. Desse modo, ela tem um caráter inclusivo, permitindo que indivíduos de diferentes camadas sociais possam, através da leitura, ter acesso a um mundo mais amplo de possibilidades e perspectivas.

A literatura, portanto, torna-se um instrumento de democratização do conhecimento, desempenhando um papel fundamental na formação da cidadania e da consciência crítica do indivíduo. Por isso, defende-se sua presença efetiva na formação da cidadania e da consciência crítica do sujeito.

Em relação à questão racial, *Clara dos Anjos* também reflete a marginalização dos negros e suas dificuldades em ascender socialmente. O autor denuncia a hipocrisia racial da época, ao apresentar personagens que, embora pertencentes a uma classe dominante, demonstram preconceito e distorcem suas relações com os negros. Barreto, com sua escrita, demonstra que a sociedade carioca, apesar de sua aparente modernidade, é profundamente marcada por desigualdades.

A mãe de Clara era uma preta tranquila e boa, e o pai, um mulato, empregado dos Correios, pacato e honesto. Tinham-na criado com desvelo, evitando que se misturasse com as outras meninas do subúrbio, temendo que perdesse a compostura e se tornasse atrevida. Não queriam que ela se parecesse com as filhas das lavadeiras e cozinheiras, embora, na verdade, a sociedade não fizesse distinção entre elas e Clara: todas eram vistas do mesmo modo, com um certo desprezo silencioso (Barreto, 1998, p. 66).

Percebe-se que o autor apresenta uma crítica à estrutura social e ao preconceito racial no Brasil. Através da história de Clara, evidencia-se a tentativa de ascensão social de uma família negra que busca afastar a filha de estereótipos associados às classes populares.

No entanto, o esforço dos pais esbarra no racismo estrutural da sociedade, que continua a enxergar Clara e as outras meninas negras com o mesmo desprezo. A narrativa denuncia a hipocrisia de uma sociedade que impõe barreiras raciais e sociais, independentemente dos esforços individuais.

2.1 O Preconceito Racial no Brasil no Século XX

Um dos principais conceitos que moldaram o discurso sobre o racismo no Brasil no século XX foi o mito da "democracia racial". Esse mito sugeria que o Brasil era um país livre de conflitos raciais, onde as diversas etnias conviviam em harmonia. No entanto, essa ideia foi uma construção ideológica usada para suavizar as profundas desigualdades raciais presentes na sociedade.

De acordo com Afrânio Coutinho (2001, p. 325), "a escravidão no Brasil não foi apenas uma fase econômica, mas uma estrutura de organização social que perpetuou a marginalização dos negros na sociedade". A população negra era, na verdade, excluída de muitas áreas da vida social e política, e o mito da democracia racial ajudou a obscurecer a violência estrutural e o racismo que a população negra sofria.

No romance *Clara dos Anjos*, Lima Barreto deixa um cruel registro da condição do negro no Rio de Janeiro. A personagem Clara é iludida, não por acaso,

por um rapaz branco e de melhor condição social. Tem-se, portanto, a imagem da pessoa negra como objeto daqueles que detêm uma posição superior na sociedade. Desse modo, os negros compõem um grupo à parte, marginalizado e excluído.

Essa obra ressalta a inovação para a literatura da época, discutir o tema do preconceito racial a partir de uma protagonista feminina. Entende-se que o escritor não se limita somente à questão racial, mas também pretende mostrar o indivíduo em sua fragilidade social. Em uma sociedade tradicionalmente patriarcal, em cujos ainda costumes perduravam resquícios da escravidão recém abolida, a protagonista Clara, além de negra e pobre, é mulher.

Os fenômenos sociais, especialmente os conflitos, revelam a linguagem literária como uma forma de materialização e um meio de discussão sobre os sentidos estabelecidos na sociedade. No caso do Brasil, a estrutura social marcada pela segregação racial e pela exclusão econômica dos negros não desapareceu com a abolição da escravidão. Pelo contrário, ela foi transformada em novas formas de opressão, perpetuando a marginalização das populações negras. A literatura, nesse contexto, torna-se um instrumento poderoso para expor as desigualdades, denunciar as injustiças e questionar as hierarquias sociais, contribuindo para a reflexão crítica sobre a permanência e os efeitos dessas estruturas no presente.

Além disso, percebeu-se a presença do racismo estrutural, que segundo Almeida (2018, p. 16), é uma forma de racismo enraizada nas instituições, nas normas sociais e nas relações econômicas e políticas de uma sociedade. Diferente do racismo individual, que se manifesta por meio de ações e discursos explícitos, o racismo estrutural opera de maneira sistêmica, perpetuando desigualdades e discriminação racial ao longo do tempo. Ele se manifesta, por exemplo, na dificuldade de acesso da população negra a oportunidades educacionais e profissionais, na maior vulnerabilidade social e econômica, na violência policial desproporcional contra pessoas negras e na representação estereotipada na mídia.

No Brasil, o racismo estrutural tem raízes históricas profundas, ligadas à escravidão e à falta de políticas eficazes de reparação após a abolição. Mesmo sem leis explicitamente racistas, as desigualdades raciais persistem porque estão embutidas nas instituições e nas práticas sociais. Por isso, combatê-lo exige mudanças significativas, que vão além do combate ao preconceito individual, incluindo políticas públicas de inclusão, mudanças culturais e conscientização.

Ao longo dos séculos, as práticas discriminatórias e as ideologias que

sustentaram a escravidão foram adaptadas e institucionalizadas, persistindo de maneira sutil, mas eficaz, em diversas esferas da vida social. As manifestações do racismo estrutural são visíveis nas altas taxas de desigualdade social que afetam predominantemente a população negra, refletindo-se em áreas como educação, saúde e mercado de trabalho.

Observa-se que essas transformações sociais e urbanas agitaram a sociedade carioca da época e geraram uma clivagem entre os grupos tradicionais e a burguesia citadina, cosmopolita e progressista. O novo modelo empurrou as camadas mais populares para os subúrbios, onde os aluguéis eram mais baratos; retirou mendigos, prostitutas, ébrios e quaisquer outros grupos marginais do centro da cidade. As cerimônias populares tradicionais eram realizadas em áreas isoladas, para evitar o contato das duas sociedades.

Madeira e Medeiros (2018, p. 216) afirmam que:

O Brasil atual prossegue com as ideais e práticas racistas, apropriadas e funcionais à reprodução do sistema capitalista, com seus traços gritantes de desigualdade de classes, que afetam majoritária e profundamente homens negros e mulheres negras. Para muitos/as, o racismo aqui é leve, pois não vigorou o apartheid.

Os autores ressaltam que o racismo no Brasil se adapta ao sistema capitalista, perpetuando desigualdades sociais e econômicas. Embora o país não tenha vivido um *apartheid* formal, o racismo estrutural afeta principalmente homens e mulheres negras, vítimas das disparidades de classe e das violências sistêmicas. A ideia de que o racismo no Brasil é "leve" critica a naturalização e minimização da discriminação racial, ignorando as formas sutis e cotidianas de racismo que, apesar de menos visíveis, também marginalizam a população negra.

A Proclamação da República marcou sobremaneira a vida familiar e pessoal de Lima Barreto. O autor nunca ocultou o seu profundo desgosto com a nova ordem, que considerava como fonte de todos os infortúnios que acometiam a nação.

O biógrafo Francisco de Assis Barbosa assegura que o escritor

[...] tinha consciência de que alguma coisa tinha que ser feita pelos escritores a serviço do povo brasileiro para retirá-lo da situação de miséria e ignorância, em que vivia abandonado pelos governos, consequência da própria organização social e política do país, quer sob o Império, quer sob a República (Barbosa, 2012, p. 14).

O autor expressa uma crítica à situação de miséria e ignorância na qual o povo brasileiro estava imerso, resultado de uma organização social e política excludente,

tanto no período imperial quanto na República. O autor sublinha a responsabilidade dos escritores como agentes de transformação, que, ao contrário de se afastarem das questões sociais, devem se engajar ativamente para mudar a realidade do povo.

Esse engajamento literário é visto como uma forma de conscientização, a qual visa não apenas denunciar a desigualdade, mas também criar espaços para a reflexão e a busca por soluções. A visão de Barbosa (2012) evidencia o papel da literatura como ferramenta de resistência e de educação, propondo que os escritores se coloquem a serviço da população, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e consciente.

Ao apontar a negligência dos governos, denuncia-se também a ineficácia do sistema político da época, que falhou em atender às necessidades básicas da população, especialmente das classes mais pobres e marginalizadas. A responsabilidade dos intelectuais, nesse contexto, é redobrada, pois, ao invés de se manterem distantes das realidades sociais, devem assumir uma postura ativa na luta pela mudança.

A Abolição dos Escravos, em 1888, e a Proclamação da República, em 1889, marcaram o começo de um novo tempo no Brasil. Era impossível conviver com algo tão impolítico e abominável quanto à escravidão. O Brasil imperial e escravista destoava do resto do mundo civilizado como um símbolo de atraso e de desrespeito aos direitos humanos. Logo, a estrutura colonial, que ainda persistia no final do século XIX, precisava ser substituída por outra, similar aos padrões europeus de desenvolvimento.

Sob a influência das ideias liberais e positivistas, o regime republicano estabeleceu uma estrutura social que contrastava completamente com a realidade brasileira, ainda marcada por uma mentalidade escravista e patriarcal. Contudo, no Brasil, essa configuração se deu de forma única e distinta. Essa dinâmica é frequentemente descrita como um "equilíbrio de antagonismos", um fenômeno prático comum no Brasil, que busca minimizar o choque entre as partes, como o liberalismo e o escravismo, harmonizando-as de modo a atenuar seus efeitos.

Além disso, a literatura desempenha um papel essencial na representação dessas dissonâncias, ajudando a evidenciar e refletir sobre essas contradições na sociedade brasileira. Roberto Schwarz (2000), confirma essa prática e destaca a importância da literatura em representar essas dissonâncias:

Ao longo de sua reprodução social, incansavelmente, o Brasil põe e repõe ideias europeias, sempre em sentido impróprio. É nessa qualidade que elas serão matéria e problema para a literatura. O escritor pode não saber disso, nem precisa para usá-las. Mas só alcança uma ressonância profunda e afinada caso lhes sinta, registre e desdobre – ou evite – o descentramento e a desafinação (Schwarz, 2000, p. 29).

A historiografia literária brasileira aponta que o universo histórico-social, notadamente nos seus aspectos políticos e raciais, que caracterizou os anos imediatamente posteriores à Abolição da Escravatura e o início da construção da República brasileira, configurou-se como base para a criação literária de Lima Barreto. Questões relacionadas à emergência de uma nova nacionalidade, ao papel que seria reservado às populações negras, recém-saídas da escravidão e à necessidade de instituição de uma nova dinâmica no campo das relações sociais e raciais, bem como um novo formato nas relações políticas, foram alvo da mordacidade irônica e da argúcia crítica desse escritor.

Na visão de Lima Barreto, a República, que deveria representar um regime baseado na ordem, na justiça e na promoção do bem comum, acabou se configurando como um sistema marcado por desigualdades e privilégios. Em vez de garantir a inclusão e o progresso social para a maioria da população, o novo regime consolidou o domínio de uma elite política e econômica, perpetuando a exclusão das camadas populares. Assim, a República não trouxe as mudanças esperadas, mas sim a continuidade de um modelo de favorecimento a uma pequena minoria, que manteve o controle do poder em detrimento das classes mais vulneráveis, reforçando estruturas sociais excludentes e aprofundando injustiças.

Nesse sentido, o sonho de um país do futuro e da esperança, transformou-se em desilusão em face do continuísmo, do autoritarismo, da burocracia, da miséria, da opressão, do preconceito e da discriminação. Em sua vasta produção crítica e literária que inclui romances, contos, artigos, crônicas, sátiras, correspondências e diários, o escritor critica e denuncia o novo regime, enfatizando os descaminhos do país e o lugar destinado às populações negras.

Esse contexto forma a imagem e representação do sujeito negro como sendo pessoa à margem, sem capacidade ou habilidades para o funcionamento da sociedade. Sendo assim, a imagem que se tinha do pobre Isaías, recém-chegado à cidade, era de um pobre coitado “desqualificado” à procura de um emprego para sobreviver, por isso sofre tanto o preconceito racial quanto o de classe.

Ressalte-se ainda que as teorias racistas surgidas nesse período eram a tônica

na consciência da sociedade, tanto que se tratando de um outro redator, por sinal negro, diz: "essa gente está condenada a desaparecer; a ciência já lavrou a sentença" (Barreto, 1990, p. 82). Essa afirmação reflete a crença arraigada na ideologia racista da época, que via o homem negro como uma raça condenada ao desaparecimento, supostamente "justificada" pelas leis da ciência e pela evolução. Tal pensamento representava o ápice de uma visão de mundo que desconsiderava a humanidade e os direitos dos negros, tratando-os como sujeitos à marginalização e à exclusão.

2.2 Crítica ao Contexto Histórico e Social

A contribuição de Lima Barreto à literatura brasileira é inegável. Sua obra se concentra no universo dos trabalhadores suburbanos do Rio de Janeiro, geralmente pobres e descendentes de africanos, como o próprio escritor. O impulso de retratar os excluídos e aqueles que vivem à margem da sociedade é o que motiva sua escrita. Esse foco nas periferias e o desejo de dar voz aos que nelas habitam está presente em grande parte de sua ficção.

Em *Clara dos Anjos*, por exemplo, o narrador dedica-se a descrever minuciosamente o ambiente, os casebres, as ruas estreitas, os animais, as crianças e as discussões – tudo amontoado e em processo de expansão, como uma "longa faixa que se alonga" (Barreto, 1990, p. 82) – retratando a realidade do subúrbio carioca. Após essa descrição do espaço de exclusão, o narrador faz uma crítica incisiva sobre essa realidade.

Uma grande parte da população da cidade vive nesse complexo emaranhado de ruas e vielas, cuja existência é ignorada pelo governo, que, apesar disso, impõe pesados impostos, utilizados em obras fúteis e luxuosas em outras áreas do Rio de Janeiro (Lima Barreto, 1990, p. 83).

As mudanças sociais e urbanas transformaram a sociedade carioca da época, criando uma divisão entre os grupos tradicionais e a burguesia urbana, cosmopolita e progressista. Esse novo modelo social forçou as classes mais pobres a se deslocarem para os subúrbios, onde os preços de aluguel eram mais acessíveis, afastando assim os grupos marginalizados do centro da cidade. Como resultado, as festas e cerimônias populares passaram a ser realizadas em locais afastados, a fim de evitar o contato entre essas duas camadas sociais.

A nova abordagem crítica sugere que a recepção negativa de Lima Barreto foi

motivada por fatores não-literários, como sua condição de negro, pobre e morador do subúrbio. O reconhecimento justo de seu trabalho literário foi negado devido ao preconceito, sustentado por forças sociais influenciadas pelo racismo e pela mentalidade classista. Os detentores do poder literário e social no Brasil do início do século XX impediram a inclusão de um "marginal", considerado socialmente inferior, no respeitado mundo das letras.

Nessa perspectiva, ao construir a personagem Clara, Lima Barreto faz uma crítica ao sistema opressor, ao mesmo tempo em que aponta, mesmo que sutilmente, a capacidade de resistência dos marginalizados. A protagonista, embora marcada pela sociedade, não é uma figura totalmente submissa; ela está ciente de suas condições e tenta, ao longo da narrativa, reagir às imposições sociais.

O espaço social é entendido como um produto da sociedade, que depende principalmente da descrição empírica antes de qualquer teorização. Nesse contexto, o espaço se torna um vetor direcionado pelo trabalho, delimitando os lugares que diferentes grupos sociais deveriam ocupar: o centro para a elite e os subúrbios para os pobres e marginalizados. Até certos comportamentos sociais, como a serenata e a boemia, foram condenados por se desviarem do novo modelo de civilização.

Lima Barreto, um dos grandes escritores da literatura brasileira, utilizou sua obra para criticar profundamente o contexto histórico e social de sua época. Em *Clara dos Anjos*, ele apresenta uma denúncia explícita das desigualdades sociais, raciais e de gênero que marcaram a sociedade carioca do início do século XX. A obra reflete a marginalização das classes mais baixas, a opressão das mulheres e o preconceito racial, constituindo-se como um retrato cru e realista da sociedade brasileira da época.

Essa afirmação é claramente evidenciada no trecho da obra *Clara dos Anjos*:

Era filha única e mulata. Essa circunstância, na sociedade em que vivia, não lhe era muito favorável. Desde pequena, fora vendo a diferença que faziam entre ela e as suas companheiras brancas (Barreto, 2011, p. 56).

O trecho evidencia o preconceito racial e social enfrentado por Clara desde a infância. Ao destacar que ser "filha única e mulata" não lhe era favorável, Lima Barreto denuncia a exclusão e a discriminação impostas às pessoas negras na sociedade brasileira. A protagonista percebe, desde cedo, as desigualdades no tratamento entre ela e suas companheiras brancas, o que reflete o racismo estrutural presente na época – e ainda vigente. O autor, crítico das injustiças sociais, expõe como a cor da pele determinava (e ainda determina) as oportunidades e o status de um indivíduo,

reforçando a marginalização da população negra.

Apesar dos avanços em algumas áreas, a sociedade continuava marcada por profundas desigualdades e por um conservadorismo que reforçava as barreiras sociais e raciais. Diante dessas desigualdades, Lima Barreto usa a personagem Clara, uma jovem de classe média, para expor a hipocrisia e as contradições dessa sociedade. Clara, filha de um comerciante, vive um mundo em que o prestígio e a ascensão social são fortemente determinados pelas aparências e pelas normas sociais, que marginalizam os mais pobres e limitam as possibilidades de mudança.

Uma grande parte da população da cidade vive nesse complexo emaranhado de ruas e vielas, cuja existência é ignorada pelo governo, que, apesar disso, impõe pesados impostos, utilizados em obras fúteis e luxuosas em outras áreas do Rio de Janeiro (Barreto, 1990, p. 83).

Por meio de sua escrita realista e crítica, Barreto faz de *Clara dos Anjos* um retrato fiel de uma sociedade que, embora à beira de uma transformação, ainda carrega em suas estruturas as marcas da exclusão e da opressão. Assim, para Clara, a possibilidade de uma vida melhor esbarra na rigidez dos valores burgueses que dominam a sociedade, um sistema que está mais interessado em preservar a ordem do que em promover a justiça social. Com efeito, essa obra permanece relevante como uma poderosa reflexão sobre as desigualdades sociais que ainda marcam o Brasil contemporâneo.

Diante disso, foi possível notar que uma das principais críticas de Lima Barreto se refere à desigualdade racial, representada pela personagem Clara que, apesar do nome, não é uma mulher branca. *Clara dos Anjos* é uma mulher negra inserida em uma sociedade onde os negros continuam a ser marginalizados e excluídos. O autor retrata a protagonista como um reflexo das limitações que a classe de baixa renda experimenta, além da desigualdade nas interações sociais, principalmente no tratamento dado às mulheres negras, limitadas pelas estruturas de classe e pela discriminação racial.

Embora esse autor não explore diretamente a personagem negra, sua obra pode ser lida como uma crítica indireta à marginalização dos negros e da herança da escravidão. A obra sugere que, no Brasil, os negros continuam a ser vistos como cidadãos de segunda classe e que a abolição formal da escravidão não significou a verdadeira emancipação social.

Ao expor as situações vivenciadas pela personagem Clara, Lima Barreto

também lança uma crítica incisiva às condições das classes populares, representadas nas personagens que buscam melhorar suas condições de vida através do casamento ou da ascensão social. No entanto, a obra revela como essas tentativas são muitas vezes frustradas, pois a estrutura social está tão profundamente enraizada que não permite que indivíduos de classes sociais mais baixas ascendam de forma significativa.

Assim, embora Clara tente melhorar sua situação social por meio do casamento, ela ainda se vê presa a uma realidade em que suas opções são restritas. "A sociedade não perdoa o fracasso, Clara, você deve se ajustar a ela, ou nada fará sentido" (Barreto, 2011, p. 74). O autor retrata a opressão das classes sociais e como a estrutura social exige conformidade para que alguém seja aceito. Para Barreto (2011), a sociedade não oferece verdadeiras oportunidades de ascensão, sua crítica consiste em mostrar que, independentemente dos esforços individuais, o sistema social impõe barreiras quase intransponíveis para a maioria das pessoas pobres e negras.

Em *Clara dos Anjos*, Lima Barreto faz uma crítica incisiva à sociedade brasileira da Primeira República, destacando as injustiças estruturais que restringem a liberdade das mulheres, as disparidades raciais e as hipocrisias morais. Através da personagem Clara, o autor denuncia as condições subalternas impostas às mulheres, além de mostrar como o casamento e a classe social eram utilizados como mecanismos de controle. A obra de Lima Barreto continua relevante, pois aborda questões que permanecem essenciais na sociedade brasileira atual, como as desigualdades de gênero e classe.

2.3 O Fantasma da Escravidão na Sociedade

A escravidão no Brasil, que teve início no período colonial e foi oficialmente abolida em 1888 com a assinatura da Lei Áurea, deixou uma marca indelével na estrutura social do país. Embora a abolição tenha formalmente posto fim ao sistema escravocrata, seus reflexos podem ser observados em diversas dimensões da sociedade brasileira, como no racismo estrutural, na marginalização dos negros e na perpetuação de desigualdades socioeconômicas.

A presença do "fantasma" da escravidão nas relações sociais é um dos temas

mais debatidos por estudiosos da história e das ciências sociais. Segundo Evaristo (2009, p. 86), "a escravidão no Brasil foi mais do que uma instituição econômica; ela constituiu uma estrutura social que afetou profundamente a cultura e as relações de poder". Entende-se que a escravidão, que perdurou por mais de três séculos no Brasil, deixou profundas marcas na sociedade, cujos reflexos continuam a ser sentidos até os dias atuais, como as heranças de desigualdade, racismo e exclusão social deixadas para gerações subsequentes.

A visão idealizada da sociedade brasileira foi amplamente contestada por estudiosos como Florestan Fernandes e Lélia Gonzalez, que apontaram que a escravidão criou uma estrutura de hierarquias raciais e sociais profundas. Assim, a abolição formal da escravidão não resultou na inclusão dos negros na sociedade, mas apenas em uma mudança de *status*, em que ex-escravizados continuaram a viver na marginalidade social e econômica.

Gonzalez (2000) afirma que "o racismo brasileiro está inscrito nas relações de classe, e a abolição não modificou a estrutura social que continuava a excluir os negros". Sendo que o racismo estrutural no Brasil pode ser compreendido como o reflexo da organização social que, historicamente, tratava a população negra como inferior. Assim, a exclusão social, a discriminação no mercado de trabalho e a violência racial são algumas das manifestações desse racismo estrutural, que é um resquício direto da escravidão.

A trajetória histórica da população negra é marcada por inúmeros desafios que persistem até os dias atuais. As condições de vida enfrentadas no passado contribuíram para a perpetuação da discriminação racial, resultando em constantes constrangimentos. No Brasil, a profunda desigualdade racial, aliada a formas muitas vezes sutis de discriminação, dificulta o pleno desenvolvimento das potencialidades e a ascensão social da população negra.

Neves (2023) afirma que:

A desigualdade decorrente de um acordo social que não reconhece a cidadania para todos. A cidadania dos incluídos é distinta da dos excluídos e, em decorrência, também são distintos os direitos, as oportunidades e os horizontes de tempo e espaço. Cidadãos de primeira classe e cidadãos de segunda classe encarando a desigualdade como um fenômeno natural e incontornável. A desigualdade tornada experiência natural não se apresenta aos olhos da sociedade brasileira como um artifício derivado de um processo histórico específico. História que elaborou instituições econômicas, sociais e políticas produtores de mecanismos e incentivos que perpetuam o paradoxal padrão de desigualdade (Neves, 2023, p. 65).

Assim, a identidade negra é construída a partir de vários fatores com algumas diferenças que possibilitam a aproximação e também o distanciamento. Na maioria das vezes, as desigualdades existentes entre diferentes identidades gera um determinado preconceito e acaba possibilitando conflitos no meio social.

De acordo com Nascimento (2013, p.142), "o negro, mesmo na liberdade, foi condenado a viver à margem da sociedade brasileira, sem direito à cidadania plena". Com efeito, apesar de a abolição ter ocorrido há mais de 130 anos, muitos descendentes de escravizados continuam a ser marginalizados, vivendo em comunidades periféricas e com acesso limitado a serviços básicos.

Essa marginalização, que se estende até os dias atuais, é uma forma de "escravidão" simbólica, na qual a população negra é tratada como se ainda estivesse em uma condição de servidão, sem acesso real às mesmas oportunidades que os brancos. Dessa forma, a invisibilidade social é um dos legados do escravagismo, aspecto importante do "fantasma da escravidão" que continua a ser imposta aos negros.

A literatura desempenha, pois, um papel fundamental ao expor o "fantasma da escravidão", abordando a permanência da opressão racial e a luta pela dignidade humana. Assim, ao tratar da questão racial, a literatura destaca as cicatrizes deixadas pela escravidão e expõe os preconceitos e desigualdades persistentes na sociedade brasileira.

Autores como Lima Barreto e Conceição Evaristo, em diferentes períodos, utilizam suas obras como ferramentas de resistência e questionamento das injustiças históricas. Para Evaristo (2009), a literatura não apenas retrata a realidade, mas também serve para questionar e resistir às injustiças que ainda perduram, mantendo vivas as consequências da escravidão. Eles denunciam como o racismo estrutural continua a excluir e marginalizar a população negra, muitas vezes disfarçado por normas sociais e culturais.

No entanto, esse "fantasma" continua a assombrar a sociedade brasileira, não como uma memória distante, mas como uma realidade viva e presente, que se reflete nas desigualdades, na violência contra a população negra e na exclusão social. Para que o Brasil possa superar esse legado, é necessário enfrentar o racismo estrutural e adotar políticas públicas que promovam a verdadeira inclusão e igualdade racial.

Nesse contexto, a literatura se torna uma ferramenta de resistência,

oferecendo espaço para as vozes negras e promovendo a luta por uma sociedade mais igualitária, ao desconstruir narrativas de opressão e reafirmar a identidade e dignidade dessa população. Assim, o reconhecimento dos erros do passado e a luta por justiça social são fundamentais para garantir que esse "fantasma" não continue a moldar o futuro do país.

3 IDENTIDADE E APRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA NEGRA NA LITERATURA BRASILEIRA

A identidade e a apresentação da figura feminina negra na literatura brasileira têm sido temas centrais na busca por uma representação mais justa e diversificada das mulheres negras no contexto social e cultural do país. Historicamente, a literatura brasileira, como muitos outros campos artísticos, esteve marcada por uma representação estereotipada e limitante da mulher negra, associando-a frequentemente a papéis subalternos, como a empregada doméstica, a escrava ou a figura exótica. Esses estereótipos reforçavam as desigualdades de gênero e raça, invisibilizando as complexidades da experiência da mulher negra e relegando-a a papéis marginalizados e desumanizados.

Em *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, a protagonista é retratada como uma jovem negra que, embora viva em um subúrbio carioca, busca se distanciar das camadas sociais mais pobres e marginalizadas. A condição de Clara traduz a complexidade da luta por identidade e pertencimento em uma sociedade marcada por profundas desigualdades raciais e sociais.

Clara ocupa o papel social de uma mulher da classe média baixa, filha de um casal de negros que, apesar de suas origens humildes, tentam garantir para ela uma vida diferente daquelas das filhas de lavadeiras e cozinheiras, por exemplo. Seus pais, em um esforço para protegê-la e garantir sua ascensão social, buscam afastá-la das influências "atrevidas" e "indecorosas" do subúrbio, representadas pela pobreza e pela falta de educação formal das classes mais baixas.

Esse desejo de ascensão e a tentativa de manter Clara em uma posição social mais alta são reflexos de uma sociedade que, mesmo pós-abolição, ainda perpetua preconceitos raciais e limita as oportunidades para pessoas negras. Neste trecho da obra, Barreto (2011) retrata essa realidade:

Clara dos Anjos, a filha do mulato dos Correios, o senhor Joaquim, tinha uma vida muito pacata, como a de todas as moças que são bem educadas e sabem o seu lugar. Sua mãe, preta e tranquila, fizera-a crescer afastada das influências das outras meninas do subúrbio, temendo que ela perdesse a compostura e se tornasse atrevida. Tentavam, por todos os meios, fazer com que Clara não se parecesse com as filhas das lavadeiras e cozinheiras, embora a sociedade não fizesse distinção entre elas e Clara: todas eram vistas do mesmo modo, com um certo desprezo silencioso (Barreto, 2011, p. 54).

O trecho mostra a tentativa dos pais de Clara em protegê-la das influências da pobreza e do comportamento marginalizado associado à classe baixa, ao mesmo tempo em que denuncia a hipocrisia social, pois, mesmo com o esforço da família, Clara ainda é vista da mesma forma que as outras meninas do subúrbio pela sociedade.

Contudo, ao longo do tempo, autores e autoras negras começaram a reivindicar sua voz na literatura, desafiando essas representações e criando personagens femininas negras mais multifacetadas e complexas. Autores como Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Lima Barreto, dentre outros, abordaram a identidade negra feminina de maneira mais profunda, retratando suas vivências, lutas e resistências em um contexto de desigualdade social, racismo e machismo. Esses retratos mais realistas e humanizados ajudaram a romper com os estereótipos e abriram espaço para a discussão sobre o lugar da mulher negra na sociedade brasileira, trazendo à tona questões de classe, gênero e etnia.

A figura da mulher negra tem sido historicamente marginalizada e invisibilidade nas sociedades ocidentais, inclusive no Brasil. Mesmo após a abolição formal da escravidão, a mulher negra continuou a ser alvo de múltiplas opressões, relacionadas à sua condição de gênero, raça e classe social. O racismo estrutural, que permeia as estruturas políticas, econômicas e culturais, mantém as mulheres negras em uma posição de subalternidade, com suas vozes frequentemente silenciadas.

Bárbara Carine (2020, p. 22), como muitas outras ativistas e acadêmicas negras, aponta que o racismo não é um fenômeno isolado ou individual, mas sim um sistema que atravessa todas as esferas da sociedade. O racismo estrutural está, pois, profundamente enraizado nas instituições e práticas sociais e afeta diretamente a vivência da mulher negra.

De acordo com Carine (2020, p. 37), as mulheres negras vivenciam formas de opressão de maneira interseccional, ou seja, são afetadas simultaneamente por sua condição de gênero, raça e classe. Ela afirma que “as mulheres negras são duplamente oprimidas: pelo sexismo, que apaga suas lutas enquanto mulheres, e pelo racismo, que as marginaliza na sociedade”. A autora enfatiza que essas mulheres enfrentam uma realidade marcada pelo racismo, discriminação e violência, questões que se intensificam pela sua invisibilidade tanto nos espaços públicos quanto nos locais de poder.

A construção da identidade feminina negra é um processo complexo e contínuo. A mulher negra não se conforma ao estereótipo de submissa, exótica ou invisível, mas sim ocupa espaços de resistência, de afirmação e de redefinição do seu lugar na sociedade. Nesse sentido, este capítulo propõe investigar como a mulher negra têm se posicionado na literatura diante da opressão histórica e sua busca por formas de construir uma identidade que transcende as limitações impostas pela sociedade.

A figura feminina negra na literatura brasileira, portanto, tem sido um campo de resistência e afirmação, no qual o/a autor/a negro/a não apenas denuncia as injustiças sociais, mas também constrói uma narrativa que resgata a identidade e a dignidade de suas personagens. Ao representar a mulher negra de forma mais rica e diversa, a literatura tem contribuído para a desconstrução de estereótipos e para a valorização de uma identidade que, embora marcada pela opressão histórica, é também fortemente caracterizada pela resistência, pela luta e pela busca por autonomia e reconhecimento.

3.1 A Identidade Negra na Literatura Brasileira

A identidade negra na literatura brasileira é um tema profundamente relevante e complexo, pois reflete a história e as questões sociais, culturais e políticas que marcaram e ainda marcam a sociedade brasileira. A literatura tem sido um meio poderoso para discutir as experiências da população negra no país, destacando não apenas a luta contra o racismo e a discriminação, mas também a busca pela afirmação de uma identidade própria, longe dos estereótipos e da invisibilidade histórica.

No século XIX, por exemplo, com a abolição da escravidão, surgiram obras que refletiam a marginalização dos negros na sociedade brasileira, como é o caso de Lima Barreto em *Clara dos Anjos*, que critica as injustiças raciais e sociais da época. No entanto, muitas vezes, a literatura da época não conseguia capturar a complexidade da identidade negra, frequentemente refletindo uma visão idealizada e distorcida.

A população brasileira atualmente, segundo dados de pesquisas sociais, é composta por mais da metade de pessoas negras, todavia, uma pequena minoria privilegiada subjuga e domina esse povo a partir de inúmeras formas de poder, sobretudo o econômico. Por isso, a literatura negra também tem sido essencial para a

desconstrução de estereótipos, como a ideia do "negro feliz" ou do "negro submisso". Ao contrário, a literatura oferece um espaço para a revalorização da cultura negra, resgatando aspectos da ancestralidade africana e evidenciando a complexidade e a riqueza da identidade negra no Brasil.

Um dos principais pontos abordados por Carine (2020, p. 28) em suas obras é a importância da construção da identidade da mulher negra. Ela considera que a identidade negra foi historicamente construída a partir de narrativas coloniais que desumanizavam as pessoas afrodescendentes. A mulher negra, particularmente, foi construída sob a ótica do estereótipo da "mulata sensual" ou da "mãe preta submissa", estigmas que continuam a influenciar a forma como ela é percebida pela sociedade.

Carine (2020) propõe uma nova visão dessa identidade, que recupere a dignidade, a história e as lutas das mulheres negras. Ela enfatiza que a mulher negra deve ser entendida não apenas como vítima das opressões sociais, mas também como sujeito ativo da resistência e da transformação social.

Na visão dessa pesquisadora, a afirmação da identidade negra feminina é um processo de ressignificação que permite às mulheres negras se posicionarem contra as estruturas de opressão e se apropriarem de seus próprios corpos, suas culturas e suas histórias. A construção da identidade da mulher negra é, pois, um processo coletivo, em que a solidariedade entre as mulheres torna-se fundamental tanto para a afirmação de suas identidades como para a luta contra o racismo e o sexism.

Para Stuart Hall (2006),

a identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente (Hall, 2006, p. 12-13).

O autor apresenta uma visão clara da identidade como algo dinâmico e em constante transformação, em vez de uma característica fixa e imutável. A metáfora da "celebração móvel" ilustra bem como a identidade é continuamente moldada pelas representações culturais e pelos sistemas que nos cercam.

Ao afirmar que a identidade é definida historicamente e não biologicamente, o autor rejeita abordagens essencialistas, apontando para a influência do contexto social e cultural. Além disso, a ideia de que o sujeito adota diferentes identidades ao longo do tempo reforça a perspectiva de fragmentação e multiplicidade, característica

das discussões sobre identidade na pós-modernidade.

Para Munanga (1988, p.97), a personagem Clara, criada por Lima Barreto, "reflete uma representação feminina moldada a partir de uma perspectiva masculina. Como homem, o autor não possui a experiência de pertencimento necessária para expressar a vivência de uma mulher". Assim, o universo feminino, especialmente da mulher negra, é retratado sob o olhar de um homem afrodescendente. Entretanto, embora Lima Barreto compreenda intimamente as questões de preconceito racial e as tensões étnicas, sua abordagem em relação ao gênero permanece externa.

Para Hall (2006), as identidades culturais são aqueles aspectos indenitários que surgem de nosso "pertencimento" a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais. Acerca da discussão sobre a identidade da mulher negra na Literatura brasileira, pode-se considerar que "a primeira voz feminina no Brasil que registraria a temática do negro é da maranhense Maria Firmina dos Reis, com a publicação do romance *Úrsula*, em 1859" (Mendes, 2011, p. 24). Assim, ao pensar na construção de uma identidade negra na Literatura é preciso considerar o texto como um veículo de luta contra o racismo, porém sem limitá-la a esse conteúdo.

Acerca das temáticas abordadas na literatura negro-brasileira, Cuti (2010, p. 93-94) ressalta que:

[...] Os temas derivados do enfrentamento do racismo [...] são muito importantes para a literatura negro-brasileira, pois constituem reações internas de forte carga emocional capazes de dinamizar a linguagem rumo a uma identidade no sofrimento e na vontade de mudança.

Quando se fala em gênero e etnia na Literatura é preciso analisar não só as personagens que retratam identidades culturais, mas também a escritura. Assim, deve-se considerar os conceitos de representação e construção de identidade mediante o pertencimento, ou seja, o viver de dentro.

Na obra de Lima Barreto, *Clara dos Anjos*, verificou-se que o racismo é exposto de forma sutil, mas incisiva, por meio da crítica à discriminação social e ao tratamento desigual das pessoas com base em sua cor de pele e origem. Barreto (1948) não trata diretamente da condição de negros ou ex-escravizados na obra, mas faz alusão a um mundo social no qual os negros e as classes mais baixas são constantemente desvalorizados e excluídos das oportunidades de ascensão.

Segundo Cuti (2010), a representação das identidades demonstra que um artista, ao partir de sua perspectiva individual, deve considerar a alteridade. Assim, uma escritora branca que aborda a vivência de uma mulher negra precisa transcender

sua posição de brancura, assim como suas crenças ideológicas e culturais, para acessar a subjetividade negra, suas memórias e experiências. É com base nessa ideia de pertencimento que se analisa a representação e a construção da identidade. Apenas uma mulher pode criar uma identidade feminina desde uma perspectiva interna, sendo ela também a única capaz de construir a identidade híbrida da mulher negra como sujeito, abrangendo as interseções entre gênero e etnia.

No contexto analisado, percebe-se que, em *Clara dos Anjos*, Lima Barreto aborda o preconceito com foco na perspectiva étnica, sem aprofundar as questões relacionadas ao gênero. Contudo, na releitura da obra, Silva (2008) estabelece uma conexão entre etnia e gênero, ressaltando a relevância de Lima Barreto para a literatura negro-brasileira. A autora evidencia que por meio das memórias da protagonista é construída a identidade da mulher negra, que não se resigna à condição de vítima, mas que se vê impelida a lutar contra os preconceitos raciais e sociais profundamente arraigados na história.

Silva (2008, p. 76) enfatiza que é importante entender que

a identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais.

A autora reflete uma abordagem construtivista da identidade e da diferença, destacando que ambas são produtos de processos sociais e culturais, não atributos intrínsecos ou transcendentais. Ao afirmar que são ativamente produzidas, enfatiza-se o papel humano na construção dessas categorias, que emergem em contextos de relações e dinâmicas culturais específicas.

Essa perspectiva leva à compreensão da identidade e da diferença como fenômenos históricos e contextuais, moldados por práticas, discursos e interações que refletem o poder e a organização social. Assim, desafia-se a ideia de que essas noções possuem uma essência natural, deslocando o foco para os mecanismos que as constroem e legitimam.

De acordo com Mendes (2011, p. 24), sob a ótica do pertencimento,

a formação da identidade da mulher negra brasileira na Literatura pode ser associada à contribuição pioneira de Maria Firmina dos Reis, escritora maranhense, que em 1859 trouxe a temática do negro ao cenário literário nacional com a publicação do romance *Úrsula*.

Ao refletir sobre a construção de uma identidade negra na Literatura, é essencial reconhecer o texto como uma ferramenta de combate ao racismo, mas sem restringir a literatura negro-brasileira apenas ao seu conteúdo. Nesse sentido, Cuti (2010, p. 93-94) destaca que os temas relacionados à luta contra o racismo possuem grande relevância, pois expressam respostas emocionais intensas que não apenas refletem o sofrimento, mas também impulsionam a linguagem literária em direção a uma identidade marcada pela resistência e pelo desejo de transformação.

3.2 A Condição da Mulher Negra em *Clara dos Anjos*

A obra *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, é um marco na literatura brasileira por retratar, de forma sensível e crítica, a condição da mulher negra em um contexto de desigualdades sociais, raciais e de gênero. A personagem Clara simboliza a luta contra um sistema opressor que marginaliza duplamente: como mulher e como negra.

Na narrativa, Lima Barreto expõe as limitações impostas pela sociedade da época, onde Clara enfrenta preconceitos que a restringem tanto no âmbito social quanto no pessoal. Ela é vítima de uma estrutura patriarcal e racista que subordina a mulher negra, relegando-a a papéis de invisibilidade e exploração. A obra também evidencia como a questão racial intersecta com o gênero, tornando a experiência da mulher negra singularmente opressiva.

Além disso, por meio de Clara, o autor destaca o impacto emocional e psicológico dessa condição. Ela é retratada como uma figura que, apesar das adversidades, busca construir sua identidade em um espaço que constantemente a nega. A sua trajetória simboliza não apenas as dificuldades, mas também a resiliência diante de um sistema que perpetua a exclusão e o preconceito.

Embora Lima Barreto não explore profundamente as questões de gênero sob uma perspectiva feminista, sua obra abre espaço para releituras que articulam raça e gênero, reconhecendo a importância de dar voz à mulher negra na literatura. Dessa forma, *Clara dos Anjos* permanece relevante como uma denúncia das desigualdades históricas, bem como uma reflexão sobre as condições sociais que ainda afetam as mulheres negras no Brasil.

Dentro desse contexto histórico-social, a representação da mulher negra nos textos literários, em muitos casos, seguiu a mesma tendência, refletindo as realidades enfrentadas pelas mulheres negras da época, como aponta Silvane Aparecida da

Silva (2008):

As representações das mulheres negras e mestiças nas obras literárias que foram escritas no final do século XIX, que ainda hoje são lidas, querem destacar o racismo presente, chamando a atenção para o fato de que os preconceitos e estereótipos em tais obras colocam uma enorme parcela da população brasileira, as mulheres negras e as mestiças, dentro de um molde que não lhes cabem, prejudicando a construção de suas identidades e contribuindo para a preservação do racismo (Silva, 2008, p. 02).

Silva (2008) evidencia um ponto crucial sobre as representações das mulheres negras e nas obras literárias do final do século XIX, um período que ainda exerce influência significativa na literatura brasileira contemporânea. Ao destacar o racismo presente nessas obras, a autora chama atenção para como os estereótipos e preconceitos nelas retratados impõem uma visão distorcida e limitante das mulheres negras e mestiças, restringindo suas possibilidades de expressão e identidade. Esse "molde" no qual essas mulheres são encaixadas impede a construção de suas identidades verdadeiras e autênticas, já que são representadas de forma monolítica e muitas vezes desumanizadora.

Além disso, a presença desses estereótipos nas obras literárias contribui diretamente para a perpetuação do racismo, pois legitima e reforça as ideias preconceituosas da sociedade da época, as quais ainda reverberam em muitas realidades sociais e culturais atuais. Isso implica que, ao longo do tempo, a literatura desempenhou um papel importante na manutenção de desigualdades raciais e de gênero, influenciando a forma como as mulheres negras e mestiças são vistas e tratadas no Brasil.

Dessa maneira, é fundamental que as releituras e análises críticas dessas obras sejam feitas de maneira consciente e responsável, reconhecendo tanto as limitações quanto os danos que tais representações históricas podem ter causado, especialmente no que diz respeito à marginalização de grupos sub-representados. Ao abordar essas questões, é essencial pensar sobre como as narrativas construídas ao longo do tempo podem reforçar estereótipos e perpetuar desigualdades.

Compreende-se que, assim como a mulher negra era estigmatizada e estereotipada na sociedade brasileira do final do século XIX, ela também era retratada de forma semelhante nas obras literárias da época. Conforme Xavier (2012), as mulheres negras eram descritas no universo literário como prostitutas, amantes, levianas e sem caráter, refletindo o pensamento preconceituoso e desvalorizador que a sociedade da época nutria em relação a elas.

Em relação ao caráter e à aparência física da mulher negra, de acordo com Xavier (2012), escritores da época viam como uma

metáfora da patologia, da corrupção e do primitivismo, configurando o corpo feminino negro como doente e, portanto, nocivo à saúde de uma nação em construção. Dezenas de narrativas ficcionais da época convergem para a mesma direção: o esforço em demonstrar a confluência entre traços físicos "anormais" e o caráter "duvidoso" como a principal marca da mulher "de cor" e do seu corpo. É dentro desse contexto que nasceram tipologias literárias como as da bela mulata, da crioula feia, da escrava fiel, da preta resignada, da mucama sapeca ou ainda da mestiça virtuosa (Xavier, 2012, p. 67).

O autor destaca a forma como a mulher negra foi sistematicamente estigmatizada e associada a metáforas negativas, como a patologia, a corrupção e o primitivismo, o que reflete a percepção da época de que o corpo feminino negro era "doente" e, portanto, prejudicial ao desenvolvimento da nação. Esse tipo de representação literária não apenas reforçava preconceitos raciais, mas também consolidava uma visão distorcida e desumanizadora da mulher negra, associando sua aparência física a características "anormais" e seu caráter a algo "duvidoso".

Xavier (2012) também aponta que, em muitas narrativas da época, essas ideias foram reforçadas por tipologias literárias que, de forma reducionista, enquadravam as mulheres negras em categorias rígidas e estereotipadas, como a "bela mulata", a "crioula feia", a "escrava fiel", a "preta resignada", a "mucama sapeca" ou a "mestiça virtuosa". Essas tipologias, embora variadas, todas servem para limitar e controlar as representações das mulheres negras, empobrecendo suas identidades e experiências. Ao enquadrá-las nesses moldes, a literatura da época não apenas reforçou o racismo estrutural, mas também contribuiu para a perpetuação de uma visão reducionista da mulher negra, desprovida de complexidade e agência.

O estudo dessas representações literárias é fundamental para entender como a literatura, enquanto produto cultural e reflexo das dinâmicas sociais de seu tempo, pode tanto reforçar quanto questionar as normas sociais estabelecidas. Ao longo da história, a literatura desempenhou um papel essencial na construção de imagens e narrativas sobre os diferentes grupos sociais, e as mulheres negras, em particular, foram frequentemente retratadas de maneira reducionista e estigmatizante.

Através dessas representações, muitas vezes idealizadas ou distorcidas, perpetuaram-se estereótipos que impactam diretamente a maneira como a mulher negra é vista na sociedade contemporânea. Isso contribuiu sobremaneira para a marginalização e perpetuação de desigualdades de gênero, raça e classe.

Na obra, ao comparar os papéis sociais de homens e mulheres, a definição dada às mulheres dentro desse sistema social ficcional representado na narrativa implica a elas papéis sociais inferiores e descaracterizados. As personagens femininas não são apresentadas por possuírem ofício, profissão ou capacidade intelectual, ao contrário, são (des)caracterizadas em função de sua pretensa fragilidade, de sua condição e de sua cor. Veja-se: D. Vicência, “crioula velha”, “empregada” (Barreto, 2011, p. 69); Clara dos Anjos, “mulata”, “ingênuas”, “pobre” (Ibid., p. 150); Engrácia, “sedentária” e “caseira” (Ibid. p.22); D. Etelvina, “magra”, “encarquilhada” (Ibid. p.98). Percebe-se que as “identidades” atribuídas a essas mulheres estão sempre relacionadas às suas características físicas, em geral, as mais negativas, evidenciando-se a supremacia masculina.

Em uma das passagens da obra, Lima Barreto (2011, p. 28) descreve a personagem Clara da seguinte forma: "Ela estava sujeita ao modo como a sociedade a via: uma jovem negra que tentava, de alguma forma, escapar das amarras do destino". Ele segue afirmando que "o seu ideal era Clara, pobre, meiga, simples, modesta, boa dona de casa, econômica que seria, para o pouco que ele poderia vir a ganhar". (Ibid, 2011, p. 140). Vê-se que o narrador apresenta com clareza o motivo pelo qual Cassi deseja Clara. Essa escolha, portanto, não é motivada por nenhuma qualidade positiva da moça, mas em função das “fragilidades” que carrega e pelas quais ele poderia exercer domínio sobre ela.

Esse tratamento dispensado à mulher tende a se perpetuar, assumindo novas formas e conceitos, sendo encarado como um sistema legitimado denominado patriarcalismo. Esse termo designa uma organização familiar em que toda a estrutura social se concentra na figura do chefe, o patriarca, cuja autoridade é predominante e incontestável. Nesse sistema, o comportamento feminino é caracterizado pela expressão mulher-objeto, marcada pelas palavras-chave submissão e resignação.

Baseado em situações semelhantes, o poder simbólico é definido como aquele que é exercido com a cumplicidade daqueles que não reconhecem que estão sujeitos a ele ou mesmo que o praticam. Em outras palavras, toda forma de manifestação de poder requer o consentimento dos oprimidos. Assim, as mulheres subjugadas estão cientes de sua condição de inferioridade e acabam se tornando cúmplices de sua própria opressão.

Em *Clara dos Anjos*, Lima Barreto descreve as mulheres de uma maneira que reflete o contexto social e histórico da época, principalmente a posição submissa em

que muitas se encontravam. Essas mulheres, como Clara, não reclamam abertamente da vida que levam, mas isso não significa que concordam com sua situação, pode-se entender como uma espécie de resignação ou conformismo forçado, resultante das condições sociais restritivas para as mulheres da época.

A personagem é moldada pelas expectativas de uma sociedade patriarcal que limita suas opções, porém o silêncio de Clara pode ser interpretado não como uma aceitação plena, mas como uma incapacidade de se rebelar contra um sistema opressor, refletindo uma alienação ou até um medo de consequências negativas. Portanto, as mulheres descritas por Lima Barreto não concordavam verdadeiramente com a vida que levavam, mas eram vítimas de uma estrutura social que as impelia a não contestar sua realidade, muitas vezes devido ao medo ou à crença de que não havia outra alternativa.

Assim, ao entender a mulher negra como uma protagonista da resistência histórica e contemporânea, percebe-se que todo esse legado contribui para o fortalecimento da luta por igualdade racial e de gênero no Brasil. Essas discussões, portanto, continuam a ser uma fonte essencial de reflexão para aqueles que buscam superar as desigualdades e garantir a plena cidadania para as mulheres negras no país, tanto em ambiente ficcional quanto real.

3.3 Representatividade e sua Contribuição no Combate ao Racismo

A representatividade desempenha um papel importante na luta contra o racismo, pois influencia diretamente as percepções sociais e culturais. Segundo Neusa Santos Souza (1983), "tornar-se negro, portanto, é vencer inúmeros obstáculos, sendo o referencial sempre o mundo branco; é um desafio doloroso". Ela sugere que a identidade negra, em certos contextos, não é apenas uma questão de nascimento, mas também um processo de construção em meio a desafios impostos por uma sociedade estruturalmente racista. A ideia de "tornar-se negro" remete ao conceito de consciência racial, que exige um enfrentamento das barreiras sociais, culturais e históricas impostas por um mundo onde o branco ainda é o padrão normativo.

Nesse sentido, quando indivíduos ou grupos historicamente marginalizados, como os negros, veem-se representados de maneira autêntica e positiva na mídia, na literatura, no cinema, nas artes e em outras formas de expressão, fortalece-se o senso

de pertencimento e autoestima dessas pessoas. A representatividade, portanto, não se resume apenas à presença de uma pessoa negra em um determinado espaço, mas envolve a forma como ela é retratada e as narrativas que são construídas em torno dela.

Desse modo, ao combater os estereótipos e a marginalização, a representatividade pode ajudar a desconstruir as ideias preconceituosas e racistas que há séculos têm sido perpetuadas. A falta de representações positivas e diversas de negros tem sido uma das principais ferramentas de manutenção do racismo estrutural. A representatividade é essencial porque permite que as pessoas negras vejam a si mesmas como protagonistas de suas próprias histórias, com múltiplas possibilidades de existências e identidades, longe dos estereótipos limitantes e desumanizadores.

Acerca da relevância das manifestações artísticas na vida do indivíduo, Cuti (2010, p. 66) defende que "a arte e a cultura, ao refletirem a multiplicidade de histórias e perspectivas negras, promovem a conscientização sobre as questões raciais e fomentam um diálogo mais profundo sobre as desigualdades e o racismo sistêmico". Ele evidencia o papel fundamental da arte e da cultura na construção de uma consciência coletiva sobre as questões sociais. Ao dar visibilidade às experiências negras e refletir a diversidade de suas histórias, essas expressões criativas além de reafirmarem identidades, desafiam as narrativas dominantes que historicamente marginalizaram essas vozes.

Além disso, a arte e a cultura funcionam como ferramentas poderosas para a educação e a sensibilização social, permitindo que o racismo sistêmico e as desigualdades sejam discutidos de maneira mais acessível e impactante. Dessa forma, promovem um diálogo necessário para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

De acordo com Neuza Santos Souza, ser negro é desenvolver a consciência sobre o processo ideológico.

Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de descobrimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori, é um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro (Souza, 1983, p. 77).

A autora aborda a complexidade da experiência de ser negro, enfatizando que não se trata de uma identidade fixa ou natural, mas de um processo contínuo e consciente. A autora argumenta que isso implica em tomar consciência das construções ideológicas que impõem uma visão distorcida e alienada de si, a partir de um discurso que reflete o racismo e a marginalização. Esse "discurso mítico" está relacionado à forma como a sociedade impõe estereótipos sobre as pessoas negras, restringindo suas identidades a imagens simplificadas e preconceituosas.

Para Souza (1983), ser negro não é algo dado ou fixo, mas um "vir a ser". Isso significa que a identidade negra é algo que se constrói, reconhece-se e se afirma ao longo do tempo, com o sujeito negro se tornando cada vez mais consciente de si e do mundo ao seu redor, desafiando as construções ideológicas e sociais que tentam limitá-lo. Assim, "tornar-se negro" é um processo contínuo de autodefinição e resistência, em que negro não aceita passivamente os rótulos e as limitações impostos pela sociedade, mas se apropria de sua identidade com orgulho e afirmação. Ademais, a representatividade pode agir como ferramenta de empoderamento, ao dar visibilidade e voz a grupos historicamente silenciados.

Segundo Candu (2011), desde a colonização, o racismo tem sido utilizado como uma ideologia que alimentou e justificou as ambições expansionistas das nações dominantes sobre as dominadas. Para sustentar essa opressão, recorreram-se a teorias políticas e científicas que buscavam legitimar tais ações. A ideia central era que existiam raças inferiores, sem cultura, religião ou organização política, que seriam passíveis de dominação, enquanto os povos considerados superiores possuíam o conhecimento e a sabedoria, por isso tinham a missão de subjugar os demais povos.

Esse autor sugere que o racismo surgiu juntamente com o capitalismo, uma vez que, durante o período colonial, havia uma demanda por mão de obra escrava para atender a produção em larga escala nas colônias de exploração. A criação do conceito de "raça", especialmente a ideia de que os negros formavam uma raça inferior, surgiu como uma resposta à necessidade de mão de obra. Nesse contexto, os povos não europeus eram vistos como biologicamente e psicologicamente inferiores, desprovidos de história ou civilizações, o que os tornava passíveis de serem escravizados.

A contribuição no combate ao racismo é um esforço multifacetado que envolve a educação, a conscientização e a transformação estrutural das sociedades. Esse

combate é crucial para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, na qual as desigualdades raciais e as discriminações sejam reconhecidas, confrontadas e eliminadas. A luta contra o racismo não é apenas uma questão de erradicar atitudes preconceituosas individuais, mas também de desmantelar sistemas e estruturas de poder que perpetuam a marginalização e a exclusão de pessoas com base em sua raça.

Souza (1983) enfatiza que o corpo negro é forçado a se adaptar ao modelo do corpo branco, pois constantemente sofre violência cultural devido ao Ideal de ego branco. A autora destaca que é impossível moldar o corpo negro aos padrões do branco, sendo que essa tentativa causa sofrimento ao indivíduo na construção de seu ideal de corpo. O sujeito negro é constantemente desafiado de maneira dura a negar sua própria identidade e a se submeter aos ideais e ao corpo do indivíduo branco.

Vergne *et al* (2015) contribui com essa ideia ao afirmar

a violência racista do branco é exercida, antes de tudo, pela impiedosa tendência a destruir a identidade do sujeito negro. Este, através da internalização forçada e brutal dos valores e ideais do branco é obrigado a adotar para si modelos incompatíveis com seu próprio corpo – o fetiche do branco, da brancura (Vergne *et al.* 2015, p. 526).

O autor destaca que a violência racista não é apenas física, mas também psicológica e simbólica, visando a destruição da identidade do negro. A imposição dos valores da cultura branca força o negro a se submeter a padrões estéticos e comportamentais incompatíveis com sua identidade. Ao idealizar a brancura como padrão de valor, a sociedade racista desumaniza o negro e o obriga a negar sua herança, história e corporeidade.

Além disso, essa dinâmica contribui para a perpetuação do racismo, pois a própria estrutura social continua a reforçar a ideia de que a brancura é superior e que o negro deve se adaptar a esse modelo para alcançar aceitação. A imposição da branquitude como ideal universal não só impede que o sujeito negro se afirme de maneira plena, mas também reforça a visão distorcida e desumanizante da sua identidade.

Essa ausência de representatividade reforça o estereótipo da pessoa negra como "inferior", o que limita a possibilidade de o indivíduo negro se ver em posições de poder, seja no imaginário coletivo ou no campo concreto. Além disso, a visão distorcida da população negra perpetuada pela falta de representatividade afasta o entendimento de que os negros e negras são plenos cidadãos, com direitos e

dignidade iguais aos de qualquer outra pessoa. A representatividade, nesse contexto, apresenta-se como um antídoto para essa invisibilidade histórica e simbólica.

Assim, a representatividade importa em todos os espaços, como na literatura, no mercado de trabalho, na política, na mídia e na educação. A sociedade deve garantir que as pessoas negras ocupem posições de poder e liderança em diversas áreas, ajudando a desafiar estereótipos e proporcionando modelos positivos para as futuras gerações. As empresas e instituições públicas precisam criar políticas de diversidade e inclusão, assegurando que negros e negras tenham igualdade de oportunidades em processos seletivos, promoções e acesso a recursos e à cultura.

O combate ao racismo exige mudanças profundas nas estruturas sociais, políticas e culturais, com a sociedade promovendoativamente a igualdade racial por meio de inclusão, educação e conscientização. Cada indivíduo deve refletir sobre seus preconceitos e contribuir para uma sociedade mais justa. Nesse processo, a representatividade é essencial, pois ao permitir que as histórias e identidades negras sejam dignamente representadas, desafia as normas racistas e contribui para a transformação social.

Nessa perspectiva, a educação antirracista é uma contribuição imprescindível. Através de um currículo inclusivo, que reconheça a importância da cultura negra e a história da escravidão, por exemplo, pode-se formar cidadãos mais conscientes das origens e das consequências do racismo. Além disso, a educação antirracista, por voltar-se à reflexão e à reparação histórica, permite o reconhecimento e o enfrentamento de preconceitos que muitas vezes são internalizados e reproduzidos inconscientemente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A visão social sobre a identidade da mulher negra na obra *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, revela graves desigualdades e preconceitos enfrentados por essa parcela da população no início do século XX. A narrativa expõe as barreiras impostas pelo racismo estrutural e pela discriminação de gênero, ao mesmo tempo em que evidencia a resiliência e a luta por dignidade da protagonista. Ao abordar temas como marginalização e exclusão social, a obra transcende seu contexto histórico, apresentando reflexões relevantes para o combate ao racismo na contemporaneidade.

A análise da obra de Lima Barreto, dentro do contexto social e literário do período do Pré-Modernismo, mostrou-se extremamente relevante para compreender as nuances da identidade negra feminina e os desafios enfrentados por essa população ao longo da história do Brasil. A obra não apenas retrata as condições sociais de exclusão e preconceito vividas pela personagem Clara, mas também funciona como um instrumento de denúncia das desigualdades estruturais e das manifestações de racismo que permeiam a sociedade.

No ambiente escolar, a inclusão da obra *Clara dos Anjos* como objeto de estudo além de enriquecer o conhecimento literário dos estudantes, desempenha um papel crucial na formação de uma consciência crítica acerca do racismo. Sua abordagem em sala de aula possibilita a reflexão sobre a perpetuação de práticas discriminatórias e o impacto do preconceito racial, promovendo, assim, a disseminação de valores de respeito e igualdade.

A pesquisa destacou como a representação da mulher negra na obra de Lima Barreto, em um contexto histórico marcado pela marginalização, contribui para a discussão e enfrentamento de questões raciais contemporâneas. A descrição das experiências de Clara dos Anjos, sua luta contra as adversidades impostas pela cor de sua pele e sua posição social, evidencia os motivos pelos quais o preconceito racial ocorre e o impacto dessas vivências na construção da identidade negra.

As análises evidenciaram que a obra *Clara dos Anjos* apresenta uma representação significativa da identidade negra feminina, destacando os desafios e preconceitos enfrentados pela personagem principal em um contexto marcado por desigualdades sociais e racismo estrutural. A narrativa de Lima Barreto expõe as limitações impostas pela sociedade à mulher negra, ao mesmo tempo em que humaniza sua vivência e dá voz às suas experiências.

A representatividade da mulher negra na obra contribui significativamente para a discussão e o combate à discriminação racial ao trazer à tona as questões históricas e sociais que perpetuam o racismo. Ao descrever as experiências de Clara, o autor questiona os estereótipos atribuídos às mulheres negras e problematiza a forma como a sociedade as desvaloriza. Essa representatividade também favorece o debate sobre discriminação racial ao trazer à tona questões como a marginalização, a opressão de gênero e a luta por dignidade e respeito.

Além disso, a obra promove reflexões que vão além de seu contexto histórico, incentivando discussões contemporâneas sobre justiça social e igualdade racial. Em *Clara dos Anjos*, denuncia-se a realidade da exclusão racial e se oferece subsídios para combater preconceitos e ampliar a conscientização acerca da importância da inclusão e do respeito à diversidade.

Essa narrativa, portanto, não apenas evidencia as opressões vividas, mas também incentiva a construção de um imaginário mais inclusivo e igualitário. A obra de Lima Barreto torna-se uma ferramenta essencial na promoção de debates que buscam a conscientização e a superação do racismo, reforçando a importância da educação e da literatura como agentes transformadores no combate aos preconceitos e às desigualdades.

Espera-se que essa pesquisa contribua para aprofundar as reflexões sobre a representação da identidade negra feminina na literatura brasileira, destacando a relevância da obra *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, como uma ferramenta de conscientização e combate ao racismo. Assim, ao analisar como a narrativa expõe as desigualdades estruturais e os preconceitos enfrentados pela protagonista, pretende-se fomentar debates que promovam a valorização da diversidade e o respeito à identidade negra.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Editora Sueli Carneiro, 2018.

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**: 1881-1922. 11 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**: 1881-1922. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012. Notas de revisão de Beatriz Resende.

BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. Rio de Janeiro: **Garnier**, 1990.

BARRETO, Lima. **O romance social**: Lima Barreto. In: História concisa da literatura brasileira. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 355-67.

BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. 4. ed. São Paulo: Martin Clarete, 2011.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. (Trad. Maria Letícia Ferreira) São Paulo: Contexto, 2011.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: T. A. Queiróz, 2000.

CARINE, Bárbara. **Racismo e Sexismo**: a Luta das Mulheres Negras no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Quilombo, 2019.

CARINE, Bárbara. Mulheres Negras: **Resistência e Autonomia na Sociedade Contemporânea**. São Paulo: Editora Negras, 2020.

COUTINHO, Afrânio; SOUZA, J. Galante. **Enciclopédia de Literatura Brasileira**. Global Editora Vol. 1. 2001.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura Negro-Brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. Belo Horizonte: 2009.

GONZALEZ, Lélia. Racismo, Sexismo e Discriminação: **Enfrentando o Legado da Escravidão**. São Paulo: Editora Ateliê, 2000.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 11 ed. (Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro) Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MADEIRA, Maria Zelma de Araújo; MEDEIROS, Richelly Barbosa de. **Racismo estrutural e desafios dos movimentos negros na contemporaneidade**. In: Dimensões da crise brasileira: dependência, trabalho e fundo público. Org. Epitácio Macário, *et al.* Fortaleza: UECE, 2018.

MENDES, Algemira de Macedo. Maria Firmina dos Reis: **uma voz na história a**

Literatura Afro-Brasileira do século XIX. In: FERREIRA, Élio; MENDES, Algemira de Macedo (org.). *Literatura Afrodescendente: Memória e Construção de Identidades*. São Paulo: Quilombojo, 2011.

MUNANGA, Kabengele. **Construção da identidade negra**: diversidade de contextos e problemas ideológicos. Religião, Política, Identidade. Tradução . São Paulo: Educ, 1988. . Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_ConstrucaoDaldentidadeNegraDiversidadeDeContextosEProblemasIdeologicos.pdf. Acesso em: 15 jan. 2025.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro**. Editora: 2013.

NEVES, Daniel. **Escravidão no Brasil Colonial**. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/escravidao-no-brasil-colonial.htm>. Acesso em: 06 maio 2023.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Duas cidades/Editora 34, 2000, p. 9-31.

SILVA, Hosana dos Santos; OLIVEIRA, Marilza de. **Questões de Língua no Brasil Oitocentista**. In: *Fórum linguistic.*, Florianópolis, vol. 12, n. 4, p. 872-882, out./dez. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2015v12n4p872>>. Acesso em 16 dez. 2017.

SILVA, Silvane Aparecida da. **Racismo e Sexualidade nas Representações de Negras e Mestiças no final do século XIX e início do XX**. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Puc- Sp, São Paulo, 2008. Disponível em: . Acesso em: 08 de abril de 2021.

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se Negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2^a edição. Rio de Janeiro. Editora graal. 1983.

VERGNE, Celso de Moraes. VILHENA, Júnia. ZAMORA, Maria Helena. ROSA, Carlos Mendes; **A palavra...é genocídio: a continuidade de práticas racista no Brasil**; psicologia & sociedade, 27(3), 516-528, Rio e Janeiro. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2015

XAVIER, Giovana; FARIA, Juliana Barreto; GOMES, Flávio (orgs). **Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação**. São Paulo: Selo Negro, 2012.